

UMA INTRODUÇÃO AO PENSAR QUEER



Cássia Rodrigues Gonçalves*

Louro, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2013.

A obra *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, de Guacira Lopes Louro, consta de uma coletânea de quatro textos, nos quais a autora aborda a temática da sexualidade por meio de uma linguagem provocadora, questionadora e, ao mesmo tempo, facilitadora para aqueles/as que almejam desbravar os terrenos incertos dos gêneros, das identidades sociais e dos discursos.

Em seu primeiro ensaio, intitulado *Viajantes pós-modernos*, Louro mostra aos/às leitores/as, através da comparação com filmes em formato *roadmovie*, isto é, que são contados em estradas, nos quais o enredo remete a uma viagem (ou várias) em que os/as personagens passam por transformações externas e internas significativas no desenrolar da trama. Por meio dessa metáfora, a autora busca mostrar que a imprevisibilidade pode ser inerente ao percurso, seja ele qual for.

Em relação à sexualidade, costumamos associar sexo a gênero e este, por sua vez, à sexualidade, tornando a relação sexo-gênero-sexualidade linear e quase “óbvia”. Nesta lógica binária, baseada no feminino e no masculino, o fato de se possuir uma vagina ou pênis demarca o gênero ao qual se pertence, o que, por sua vez, pressupõe delimitar uma sexualidade.

Contudo, segundo a autora, há os sujeitos que se encontram (outras vezes são empurrados para) nas zonas de fronteiras por não fazerem parte dessa lógica. Neste ensaio, Louro trata o espaço social, imaginário, discursivo, etc. dedicado aos gêneros e sexualidades como espaços fronteirios vigiados, controlados.

* Cursa pós-graduação em Letras na Universidade Católica de Pelotas - UCPel, com área de concentração em Linguística Aplicada em nível de Mestrado. É professora substituta de Língua Portuguesa, Linguística e Linguística Aplicada na Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA - Câmpus Bagé.



Para a autora, fronteira é um lugar de encontro, cruzamento, contato entre diferenças e culturas. Nesses espaços, há sujeitos específicos, personagens que transgridem esses “perímetros”, mais ou menos estabelecidos pelos discursos naturalizados, ao materializarem o caráter inventivo, cultural e instabilizado das identidades.

Como exemplo desses/as sujeitos subversivos, Louro cita as *dragqueens*. Para a autora, as *drags* materializam, concretizam a instabilidade e a não fixidez das identidades, uma vez que sugerem “concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e de sexualidade” (LOURO, 2013, p. 23), ampliando os “limites” e espaços fronteiriços.

Entretanto, no ensaio *Uma Política Pós-identitária para Educação*, Louro, dialogando com o anterior, afirma que a sexualidade, como construção social, cultural e discursiva que tem sido, nos últimos dois séculos, regulada, normatizada e higienizada sob o olhar de cientistas, antropólogos, educadores, religiosos, etc., retomando, assim, a obra de Michel Foucault, *A história da sexualidade I: a vontade de saber*.

A partir dessa perspectiva, Louro tece seu texto esclarecendo a origem da homossexualidade que, segundo a autora, foi concebida no século XIX, tendo como característica, desde a criação desse termo, a conotação de desvio da norma. Louro aponta em seu texto as mais diferentes perspectivas culturais e discursivas produzidas sobre a homossexualidade.

Nesse sentido, a autora expõe certos discursos expressivos a respeito da homossexualidade circulantes em sociedades ocidentais, tais como nos Estados Unidos, Inglaterra e Brasil. Segundo Louro, o surgimento da AIDS, na década de 1980, foi crucial para o surgimento de discursos que marginalizam as sexualidades não heterossexuais. O chamado “câncer gay” criou uma paranoia mundial em que a homofobia, lesbofobia, transfobia, etc., carregadas de discriminações e preconceitos, fossem cada vez mais manifestas e até justificáveis, nessas sociedades, como questões de “cuidado com a própria saúde”.

Como resposta a esses sistemas excludentes, certos movimentos sociais e teóricos surgiram com a tentativa de criação de políticas de identidades para todos aqueles que não eram englobados pela norma heterossexual: os *Queer*. *Queer* é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais,



travestis, *drags*. O jeito de pensar *queer* manifesta-se em um modelo de resistência à norma, um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência, uma vez que desafia as normas regulatórias da sociedade e assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indefinível. É o excêntrico que não deseja ser “integrado”.

Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina. O sujeito que escolhe não pertencer, não se nomear, porque acredita que o nomear-se é reduzir-se. Um sujeito que evidencia o caráter social e discursivo das sexualidades. Louro cita Silva¹ ao afirmar que:

Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa (SILVA, 1999, p. 107).

Esse pensar *queer* exposto no segundo ensaio da obra remete às políticas escolares e, conseqüentemente, curriculares, levando os/as leitores/as ao terceiro ensaio: *Estranhar o currículo*. Nele, a autora inicia ponderando sobre suas experiências em falas para professores. Afirma Louro que até o momento em que discorria sobre as construções sociais e discursivas da feminilidade e da masculinidade, havia certa recepção e abertura do público. No entanto, quando o tema, nessa mesma perspectiva discursiva, migrava para homossexualidade, havia uma resistência maior por parte dos professores. Seus questionamentos a respeito, em sua maioria, eram feitos no sentido de “corrigir” essa sexualidade considerada desviante.

Tais situações mostraram para Louro, como pesquisadora e educadora, que as posições de sujeito “desviantes” da lógica binária heterossexual, ainda na atualidade, são desprezadas. Contudo, nessa lógica é comum e até consentido socialmente a possibilidade de se tratar esses/essas sujeitos com aversão, como pessoas que possuem “algo a ser reorganizado”, “tratado psicologicamente”.

A teoria *queer* possui uma episteme perturbadora e questionadora de certos valores sociais, porém suas origens são estrangeiras, o que nos faz ponderar como seria o pensar *queer* no contexto brasileiro especificamente. No Brasil, segundo a autora, há movimentos sociais que possibilitam a articulação de um movimento *queer*, ligado ao movimento homossexual, transfeminista e aos grupos de pesquisa voltados para os estudos da sexualidade, geralmente ligados às universidades.

¹SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.



Tornar um currículo *queer* no Brasil não significa simplesmente incorporar a sexualidade, a homossexualidade, a transexualidade, etc. nas temáticas das aulas e em alguns poucos dias na escola. Significa, sim, compreender toda a lógica heterossexual binária em que o próprio currículo (e a concepção de) se estrutura.

Outra mudança necessária, citada por Louro neste ensaio, é o movimento de “erotização dos processos de aprender e ensinar”, no sentido de que, sem deixar de lado a sensualidade dos corpos (uma vez que elas existem), o erotismo em sala de aula está ligado ao desejo de saber, à curiosidade. “Sem sexualidade não há curiosidade”, é o enunciado destacado pela autora, no qual:

uma teoria e uma política voltadas, inicialmente, para a multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso (LOURO, 2013, p. 75).

Por fim, como fechamento da obra, no ensaio intitulado *Marcas do corpo, marcas de poder*, Louro aborda como os corpos, de modo naturalizados associados ao biológico, possuem marcas. Marcas essas que indiciam lugares sociais e posições de sujeito de acordo com a aparência corporal. Quando são atribuídos a esses corpos significados (de sexo e de gênero), estes passam a construir identidades e distinções marcadas por relações de poder.

A autora afirma neste texto que, em todas as sociedades, é necessário pensar a identidade sexual e/ou de gênero como algo construído historicamente, que varia de cultura para cultura, de oriente para ocidente. No ocidente, até o século XIX, o modelo sexual baseava-se unicamente no modelo masculino, o qual significava a “normalidade”, a “norma” e o modelo de “perfeição”. O lugar das mulheres nesse modelo sexual era a partir da comparação com os homens. Louro cita Laqueur (1990)² para fazer este breve histórico.

Esse modelo foi substituído quando, por influência das ideias iluministas, das revoluções industriais, das divisões sexuais do trabalho e de ideias de caráter feministas circulantes, um “novo corpo sexuado” foi construído cultural e discursivamente.

Assim, no final do século XIX, foi possível perceber a preocupação dos estados com a “disciplinarização e regulação da família”, tendo como apoio e embasamento os olhares de “especialistas” que, com seus “discursos de verdade”, também proclamavam a superioridade

²LAQUEUR, Thomas. **Making sex**. Body and gender from greeks to Freud. Cambridge and London: Harvard University Press, 1990.



do masculino em detrimento do feminino, embora de um modo mais sutil que o modelo anterior. A nova concepção binária, de que fazemos parte até hoje, impõe limites às concepções de gênero e coloca a heterossexualidade como opção indiscutível.

Louro questiona, durante este e os demais ensaios da obra, a suposta linearidade existente entre sexo-gênero-sexualidade, compreendendo que o fato de termos “vaginas” ou “pênis” automaticamente nos fará pertencer a gêneros “femininos” ou “masculinos” com desejos opostos (sexualidade heterossexual). É evidente que esse modelo binarista e reducionista não considera questões como hermafroditismo, que desconstrói essa binaridade desde a biologia. Tampouco leva em conta o desejo homossexual e o desejo pela mudança corporal.

A autora cita novamente o exemplo da *dragqueen* que, ao mesmo tempo em que imita, faz uma paródia de gênero. Ao mesmo tempo em que exerce uma posição estética, exalta esse caráter inventado e cultural dos gêneros. Esses/essas sujeitos rompem com as fronteiras vigiadas das sexualidades e, por isso, são tratados/as como clandestinos que devem ser penalizados/as.

Por meio dos ensaios que compõem a obra *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, de Guacira Lopes Louro, é possível observar que a autora tece seu texto transitando por uma visão bastante ampla a respeito da sexualidade, de suas definições e pressupostos teóricos, procurando sempre relacioná-los à teoria *queer*, relativamente nova no Brasil. É uma obra de extrema importância para aqueles/as que estão curiosos e dispostos a se arriscar no terreno de estudos de gênero, sempre interessante, curioso e intrinsecamente ligado ao discurso. Uma leitura recomendável e louvável para todos/as interessados/as no tema.